

## LIBERDADE E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA DE DANIEL MUNDURUKU

### FREEDOM AND EDUCATION: A REFLECTION ON DANIEL MUNDURUKU LITERATURE

Ana Caroliny Oliveira de Araújo (SEDUC/MT)<sup>1</sup>  
Joémerson de Oliviera Sales (SEDUC/MT)<sup>2</sup>  
Laleska Fernanda Costa Gonçalves (UFMT)<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho pretende refletir sobre a relação entre os temas da liberdade e da educação amplamente discutidos na obra *Tempo de Histórias* (2006), de Daniel Munduruku. Essa pesquisa, por sua vez, parte dos pressupostos de Paulo Freire que compreende a educação como um dispositivo de transformação social, pois quem ensina também passa a aprender e essa perspectiva destaca-se na obra de Munduruku, que leva a classificação de contos indígenas de ensinamentos. Nesse sentido, partimos dos pressupostos do pensamento freiriano para compor nossa crítica à antologia em estudo, destacando o diálogo entre literatura e educação, como também apresentando de forma didática um convite aos educadores para essa literatura que muito tem a nos ensinar.

**PALAVRAS-CHAVES:** Daniel Munduruku; Educação; Literatura.

**ABSTRACT:** This paperwork intends to reflect on the relationship between the themes of freedom and education widely discussed in Daniel Munduruku *Tempo de Histórias* (2006). This research, in turn, is based on the assumptions of Paulo Freire, who understands education as a device for social transformation, as the teacher also begins to learn and this perspective stands out in Munduruku's work, which leads to the classification of indigenous tales from teachings. In this sense, we start from the assumptions of Freirian thought to compose our critique of the anthology under study, highlighting the dialogue between literature and education, as well as presenting in an didactic way an invitation to educators for this literature that has a lot to teach us.

**Keywords:** Daniel Munduruku; Education; Literature.

## INTRODUÇÃO

Nunca pensei que fosse tão difícil ser educador. Não tanto pelos alunos, mas especialmente pelo fato de a estrutura educacional ser sempre muito conservadora e não permitir mudanças. E educar jovens requer irreverência, acolhida e dedicação. Esses três elementos se confundem no cotidiano do verdadeiro educador, mas também o realizam (MUNDURUKU, 2006, p. 13).

<sup>1</sup> Estudante do ensino médio na Escola Plena Pindorama – SEDUC-MT.

<sup>2</sup> Licenciado em Letras pela UFMT/CUR e mestre em Estudos de Linguagem com ênfase em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), professor de Língua Portuguesa na escola Stela Maris de Rondonópolis – SEDUC-MT.

<sup>3</sup> Licenciada em Letras pela UFMT/CUR.

O cenário educacional apresenta uma crise significativa, desde a educação básica à educação superior. Cortes em pesquisas, cortes de pontos dos profissionais em nosso estado. O retrocesso e as ideias reacionárias vêm tomando, atualmente, cada vez mais conta do cenário.

Nesse aspecto, a leitura de *Tempo de histórias* de Daniel Munduruku é inadiável, pois, nos ensinam a dar voz aqueles que quase sempre estiveram à margem da sociedade, ainda leva-nos a refletir a importância da educação e de sua relação com o tempo, que não é mais o do agora, mas sim àquele que Roland Barthes já havia ponderado no final de sua *Aula*:

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível (BARTHES, 1977, p. 47).

As palavras do teórico apontam-nos para a experiência daquilo que não está pronto. Desse modo, compreendemos que o ofício do educador é lidar com esse lugar e saber dosar o pouco que fica entre o saber e a sabedoria, pois, é preciso, segundo Daniel Munduruku, irreverência, acolhida e dedicação para se empreender o gesto de educar jovens.

Dessa forma, o tempo na obra que escolhemos nos traz a presença do sabor que a cultura indígena preserva em sua relação com a natureza, com seus valores e com a presença do sagrado. Considerando esses dados, tomamos a obra do já citado autor como objeto de nossa reflexão sobre a liberdade e a educação.

Para tanto, em nossa investigação alinharemos os conhecimentos literários para realizar o diálogo com a filosofia de Paulo Freire, além de pontuarmos a importância da leitura de autores como Daniel Munduruku e a contribuição da sua obra como dispositivo de debate de nosso próprio tempo em que disciplinas como filosofia e sociologia estão sendo varridas do currículo escolar.

## **A LITERATURA INDÍGENA UM CONVITE À PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**

Caro professor, leve com você nossa gratidão eterna. Hoje somos homens e mulheres livres, graças à sua liberdade. Levaremos conosco, para sempre, as histórias que você nos contou durante nossos encontros. A sabedoria do seu velho avô também e nos tornou participantes do seu universo (MUNDURUKU, 2006, p. 17).

Iniciamos nossa reflexão com um trecho da obra em análise. A escolha deu-se por se tratar de uma cena comovente, e ao mesmo tempo profunda, que é característica do autor. No recorte feito, os estudantes prestam uma homenagem ao professor que saiu de sua aldeia para aventurar-se na cidade grande. Organizaram uma celebração como as que acontecem na aldeia, pintando seus rostos e reproduzindo um canto de saudação; logo após, um dos estudantes profere o discurso apresentado como epígrafe aqui. Das palavras ditas, percebemos de imediato o que Paulo Freire tanto discute em sua *Pedagogia do oprimido*, a saber:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar* (FREIRE, 2014, p. 108).

Freire concebe a existência como palco discursivo. Para ele, a transformação do mundo está calcada no uso de palavras verdadeiras. Essas palavras podem ser contempladas na literatura de Daniel Munduruku, já vislumbrado em seu “cadinho de prosa”, que antecede o começo de sua narrativa, vejamos:

Cada um destes capítulos são como flashes de memória que me foram ocorrendo e me foram trazendo à luz o prazer de estar com os jovens numa época em que fui professor, ou melhor, fui confessor de meus sonhos. Pois foi com eles que aprendi que não é preciso saber tudo, mas é importante confessar o que se deseja; aprendi que o prazer de ensinar nasce junto com o prazer de aprender; aprendi que para ensinar é preciso estar cheio, não de conhecimentos, mas de futuro, de esperança, de tolerância e de orgulho (MUNDURUKU, 2006, p. 11).

As palavras do autor dialogam também com o pensamento de Barthes quando afirma que para ensinar é preciso estar cheio de futuro e de outros valores. Este estar cheio não toma como verdade absoluta “os conhecimentos”; assim sendo, podemos tomar os relatos de *Tempo de histórias* como uma pronúncia que busca modificar o mundo.

Freire segue sua obra pontuando que “o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 2014, p. 109), ou seja, sendo por meio da dialética é que então podemos resolver os nossos problemas; além disso, sugere uma interlocução entre os conhecimentos, pois observamos que o professor não é somente o que ensina, mas o que se propõe aprender com seus alunos e assim cumpre, verdadeiramente, seu papel humanizador.

## A LITERATURA É TEMPO PRESENTE

Ao discutirmos sobre educação devemos considerar o descaso do Estado com relação ao educador e ao educando, às falhas do sistema educacional, às péssimas estruturas em que escolas se encontram e à falta de material didático. Daniel Munduruku, em seu livro *Tempo de Histórias*, relata que “um dia, a diretora da escola me chamou em sua sala e me disse que eu deveria me ater ao programa, pois o Estado sabia o que era melhor para seus alunos” (MUNDURUKU, 2006, p. 76), analisando esse trecho nota-se que o Estado escolhe a forma e a qualidade da educação que oferece à sociedade; nesse caso, a ação do Estado afeta à educação pública, pois assente uma educação inferior às pessoas que precisam dessa oferta, repercutindo em vários problemas como o analfabetismo funcional.

De acordo com Manoel de Jesus Bastos “se a educação é o instrumento responsável pelo progresso de um país que o faz desenvolver tanto na renda quanto no nível de uma nação, é preciso tê-la como prioridade” (BASTOS, 2017, p. 02). Por meio desse pensamento de Bastos, podemos constatar que a educação não tem papel fundamental apenas na economia de um país, mas influencia colocações em rankings mundiais, afetando relações internacionais e descreve consideravelmente sobre o país. Neste sentido, a educação torna-se a base de uma nação.

Segundo Paulo Freire a educação é um processo de humanização, uma vez que o ser humano irá conviver em um ambiente social e de acordo com Daniel Munduruku a escola pública possibilita o aprendizado social. Portanto, o ser humano não somente adquirirá o conhecimento científico, mas aprenderá a conviver com as demais pessoas, bem como enfrentará diversas situações e por fim chegará a mais complexa que é o autoconhecimento. Durante esse processo é imprescindível a participação familiar, visto que a educação é algo que se constrói em conjunto, entre educador, educando, sociedade e Estado.

Ao analisar o seguinte trecho:

Dizem que liberdade é fazer o que a gente tem vontade, é conhecer os próprios limites, é respeitar a liberdade do outro. Dizem que é saber fazer o bem ou escolher o mal. Mas será que isso é verdade? Será que alguém pode ser realmente livre? {...} Ninguém pode ser livre. {...} porque somos escravos das estruturas que criamos e ninguém pode ser livre se depende dessas mentalidades escravagistas que nossa sociedade possui (MUNDURUKU, 2006, p. 16-17).

Incita-nos a refletir acerca da relação entre educação e liberdade. Aparentemente, temos liberdade para educar e liberdade para aprender, para buscar novos conhecimentos,

entretanto se observarmos bem isso não passa de pura aparência, pois conforme é relatado no livro não há como ser livre se dependemos de uma estrutura caduca como a escola; o Estado e a política, que são conservadores, não permitem mudanças. Essa situação continua vigente porque a própria sociedade não está disposta e não se opõem a possíveis mudanças que poderiam ocorrer em nosso meio.

A importância de discutir sobre este tema é que nos revela o quanto estamos presos e diretamente ligados a estruturas que tentam nos moldar e reprimir, estruturas escravagistas, como já foi mencionado, até porque nós fazemos parte da sociedade, constituímos um país e as nossas ações não refletem apenas em nós, mas de forma ampla no meio em que estamos inseridos.

Na obra em questão é relatado: “foi assim que desejei ser professor, confessor de meus sonhos. Fruto de uma promessa feita sobre o túmulo de meu avô. Tinha esperança de que assim pudesse passar a sabedoria que ele havia me deixado como herança” (MUNDURUKU, 2006, p. 65). Por meio desse trecho o narrador revela o seu papel como professor perante a sociedade, ele deveria transmitir para seus alunos aquilo que aprendeu tanto na floresta, com seu avô, quanto durante o período de faculdade, em que cursava filosofia, enfrentando as indagações de seu ofício: “Como transmitir o saber tradicional dentro de uma escola, lugar que prima por fazer coisas bem convencionais? Como falar do tempo da natureza num lugar regido pelo tempo do relógio?” (MUNDURUKU, 2006, p. 65). Para iniciar Munduruku buscou conhecer o mundo ocidental através da leitura e ao final concluiu que, por natureza, o ser humano é um misto de saber e dúvida, então ele deveria educar pelo pensamento, ou seja, unir o seu saber ancestral ao conhecimento ocidental que detinha.

A melhor forma de se educar é por meio do exemplo, como é descrito em *Tempo de Histórias* “hoje estamos tristes porque uma pessoa que nos ensinou a ser livres foi mais uma vítima das estruturas impostas a todos nós. E talvez tenha sido vítima de seu próprio pensamento libertador. Ele nos ensinou a ser livres, pois vive sua liberdade” (MUNDURUKU, 2006, p. 17). Esse trecho retoma a relação entre liberdade e educação que foi discutido acima, agora juntamente com o papel do professor, que diante dessa situação deve ser o de ensinar por meio de seu próprio exemplo.

A literatura visa representar o mundo e tudo o que há nele, seja realidade ou ficção, pois o imaginário também faz parte das pessoas e com isso faz parte do mundo. Já a filosofia busca estudar a existência humana, seja ela individual ou coletiva; conseqüentemente estuda o conhecimento, a verdade, os valores éticos e morais e a linguagem. A relação entre literatura e

filosofia é que ambas questionam o ser humano, o contexto social em que está inserido, a sua mente como objeto de estudo e representação.

Ao decidir cursar filosofia Daniel Munduruku tem como objetivo estudar as relações humanas, os diversos contextos sociais, a mente e os valores desses indivíduos. Como instrumento de estudo utilizou a literatura presente nos livros para entender o novo mundo, a sociedade e as pessoas que estava prestes a conhecer. O seguinte trecho:

Ler as palavras que vinham impressas em livros ainda não conhecia, ainda não sabia de sua importância para compreender fatos, relevos, números, línguas e gramáticas. [...] e os erros de uma humanidade tão diferente da humanidade que conhecia em minha aldeia (MUNDURUKU, 2006, p.66).

As palavras de Munduruku, que trazem à tona a importância da leitura, endossam ou podem ser endossadas pelas de Paulo Freire em *A Importância do Ato de Ler* (1989), segundo o educador o contexto escolar do aluno, às vezes, pode estar em discordância com a realidade de vida dele ou nas palavras do autor “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 09). Por isso, é importante que o educador, a princípio, revele aos seus alunos a importância da percepção do que está a sua volta, aprendendo a ler o mundo ao seu redor, extraíndo daí uma melhor absorção da realidade que o circunda para que possa aprender melhor o mundo da escrita e da leitura, por conseguinte.

Ao falar sobre a importância da leitura para a ampliação do conhecimento, em um trecho do livro *Povos Indígenas & Educação* declara que “é importante estudar os povos indígenas porque os não índios têm o direito de conhecer a diversidade e de saber que os seus modos de viver e pensar não são os únicos possíveis” (MEDEIROS, 2012, p.50). Por meio de ambas as declarações podemos concluir que uma das melhores maneiras, senão a melhor, de ampliar o conhecimento, de conhecer novas culturas, lugares e sociedades se faz através da leitura, ou seja, da literatura.

No livro em estudo, Daniel Munduruku relaciona a literatura com o tempo presente, porque o agora é a certeza, é tudo o que se tem. A partir disso, quando começa a ministrar aulas, Munduruku ensina pelo pensamento e pelo exemplo, pois é a partir do pensamento do tempo presente, do agora, que surgirá as indagações e reflexões por parte de seus alunos quanto pela dele. Por meio dessa atitude, Munduruku incita seus alunos a refletir acerca da liberdade, da identidade, da importância do próprio nome, da importância da diversidade cultural presente no nosso país. Como consequência, ele age para a transformação seus alunos

em cidadãos críticos, capazes de questionar toda e qualquer situação, cidadãos que estarão em uma constante busca pela ampliação de seu conhecimento, que irão saber ouvir e respeitar qualquer pessoa independente de raça, cor ou cultura, pois sabem que cada pessoa é única e carrega consigo a sua história, seus valores e crenças.

## **DA ALDEIA À SALA DE AULA**

A narrativa de Daniel Munduruku, assim como de outros/as autores/as indígenas e afro-brasileiros/as, é reafirmada pela LDB ao assegurar que

O conteúdo [...] incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo de história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008).

Assim tanto a leitura quanto a análise dessas narrativas devem comparecer no ambiente escolar possibilitando o respeito à diversidade e à contribuição étnica à nossa formação cultural, social e acima de tudo humana. A literatura, nesse aspecto, configura-se como um espaço profícuo para incitar e adensar o debate, haja vista sua “capacidade de penetrar nos problemas sociais da vida” (CANDIDO, 1995, p. 249).

Esses problemas podem ser lidos na obra de Munduruku a partir do descaso à educação pública, as diferenças entre o natural/urbano, a compreensão do divino e a relação do próprio conhecimento que se dá guiado pela voz do ancião que perpassa o jovem índio que deixa sua tribo para tornar-se num “confessor de sonhos”. Este significado é atribuído ao ser professor e seu sentido vai se desdobrando na narrativa que se constitui a partir de sete capítulos que são nomeados enquanto “tempo de”. Cada tempo (tempo de mudar, tempo de infância, tempo de aprender, tempo de escolher, tempo de observar, tempo de ousar e tempo de ensinar) apresentado aprofunda o sentido de liberdade que faz a narrativa ganhar uma carga poética que envolve o leitor, como se esse estivesse ali à beira do fogo ou na rede escutando os ensinamentos transmitidos à aldeia.

Rumo a tal perspectiva, a obra em análise fez parte da eletiva “Do mito à lenda: narrativas afro-brasileiras e indígenas como resistência” e sua leitura suscitou o que Marisa Lajolo (2001) marcou em sua obra: a mudança de cara, endereço e até de família. Tal mudança reflete à inserção de literaturas subalternizadas em virtude do cânone e que com o

passar do tempo foram ganhando espaço e reconhecimento.

A literatura indígena é um forte exemplo de resistência e oferece-nos possibilidades para questionarmos nossa experiência humana. Nesse quesito Lajolo aponta que “[...] o mundo representado na literatura – por mais simbólico que seja – nasce da experiência que o escritor tem de sua realidade histórica e social” (LAJOLO, 2001, p. 47). Em virtude dessa experiência, *Tempo de histórias* tem muito a nos dizer e sua fala se torna mais evidente nesse momento em que a educação tem sido alvo constante de ataques e perseguições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la *para* os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu (FREIRE, 2014, p. 109).

Quando pensamos no valor que as obras de Daniel Mundurku trazem para a sociedade é imprescindível deixar de lado as pontuações que o crítico e sociólogo Antonio Candido faz acerca da literatura, mostrando-nos a sua importância para a formação do ser humano, sendo que “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1995, p. 175).

Do mesmo modo que a literatura, não devemos esquecer o papel da educação como um poderoso instrumento humanizador, pois quando pensamos em educação no Brasil não podemos deixar de lado as contribuições de Paulo Freire, tendo como pedagogia a prática da inclusão, e não a de exclusão. Assim, quando aliamos à literatura a essa prática pedagógica, temos um forte agente capaz de transformar as diferenças sociais existentes.

Portanto, a obra *Tempo de histórias* nos mostra que para ensinar não é necessário estar cheio de conhecimentos, mas sim de esperança, de mostrar as possibilidades de futuro, crer na superação das diferenças quando essa nos inferioriza e na igualdade e união dos povos. E que ainda devemos lutar pela educação, nem que seja pelo básico, pois é por esse mínimo que ainda vemos jovens de classe média baixa entrando numa universidade pública.



## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BASTOS, Manoel de Jesus. Análise do Contexto da Educação Brasileira. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 02, ed. 01, Vol. 14, p.47-54, 2017.

BRASIL. **Lei número 11.645, de 10 de março de 2008**. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm) >. Acesso em 11 de abril de 2018.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo. Editora Cortez. 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

MEDEIROS, Juliana Schneider. Povos indígenas e a Lei nº. 11.645: (in) visibilidades no ensino de história do Brasil. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida; ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas (Org.). **Povos indígenas & educação**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. **Tempo de histórias**. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2006.